



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA**



**CULTURAS POPULARES NO MUSEU DO HOMEM
SERGIPANO: uma análise do acervo**

Ingryd Maria de Aquino Cardoso

Laranjeiras-SE
2023

Ingryd Maria de Aquino Cardoso

**CULTURAS POPULARES NO MUSEU DO HOMEM
SERGIPANO: uma análise do acervo**

Apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso de
Bacharelado em Museologia, Universidade Federal de
Sergipe.

Orientador (a): Profª Drª Sura Souza Carmo.

Laranjeiras-SE
2023

Introdução

Esta pesquisa nasce a partir de estudos desenvolvidos com o acervo do Museu do Homem Sergipano (MUHSE) ao longo da minha formação em Museologia. Meu primeiro contato com o acervo ocorreu na disciplina Museologia e Conservação Preventiva II, no Laboratório de Expologia e Expografia (LabExpo), ministrada pela docente Sura Souza Carmo no ano de 2018, quando atuei diretamente no arrolamento e organização do acervo, enquanto meus colegas de turma realizavam a higienização e acondicionamento do mesmo após sua chegada na Universidade Federal de Sergipe (UFS), no campus de Laranjeiras (CampusLar). Foi necessária total força de vontade dos discentes para que todos os processos desta disciplina fossem concluídos, os discentes e a docente juntaram-se para comprar os materiais que foram necessários de forma básica e superficial para limpeza e acondicionamento do acervo, entre estes estavam: pincel, trincha, plástico bolha, manta acrílica, algodão, entre outros que a instituição pública de ensino não pôde nos fornecer, os únicos materiais disponibilizados pela mesma foram luvas e máscaras contabilizadas para que rendessem até o último dia de trabalho.

Todo este esforço da turma juntamente com a docente foi desenvolvido para resgatar e acondicionar, da melhor forma possível, os objetos do MUHSE que trazem consigo uma imensa carga cultural sergipana entre as vestimentas do sertanejo e de grupos folclóricos sergipanos, utensílios e utilitários de decoração doméstica confeccionados artesanalmente, instrumentos musicais e adereços também de grupos folclóricos predominantes no estado de Sergipe, peças dos povos indígenas Xokós¹ e uma grande quantidade de cerâmicas locais.

Posteriormente foi iniciada uma participação estudantil no projeto de extensão AVEX (Avança Extensão) - Subsídios para uma proposta de reserva técnica visitável, entre os anos de 2018 e 2019, da docente Priscila Maria de Jesus, dando continuidade ao trabalho já iniciado no LabExpo durante o tempo de realização da matéria Museologia e Conservação preventiva II, só que a partir deste momento trabalhando sozinha. De início foi feito um novo arrolamento de forma mais delicada para que todas as peças fossem localizadas e catalogadas, todo arrolamento foi escrito em um caderno concretizando todas as peças que tinham no

¹ O povo Xokó vive nas aldeias Ilha de São Pedro e Caiçara, situadas no município de Porto da Folha, Sergipe. A maior parte da comunidade habita a Ilha de São Pedro.

laboratório. Posteriormente, com a chegada de um computador foi possível iniciar a produção de fichas catalográficas.

O modelo de ficha foi criado por minha pessoa e aprovado pela professora Priscila de Jesus, o trabalho era muito intenso para uma única pessoa, então, passados alguns meses a docente abriu algumas vaga para um bolsista voluntário e a discente Ana Flávia entrou no projeto para ajudar com as fotografias do acervo enquanto eu criava as fichas para cada um deles. Assim deu-se continuidade até a interrupção do mesmo pelo fim do tempo do projeto em conjunto com o início da pandemia do Covid-19².

O MUHSE foi criado como um museu universitário em 1976 como resultado do processo de musealização e divulgação de pesquisas acadêmicas realizadas no âmbito da Universidade Federal de Sergipe (UFS), e com objetivo de resguardar parte da memória e da história da sociedade sergipana (Jesus, Almeida, Carmo, 2020).

De acordo com Nunes (2010) o acervo inicial do museu foi formado por meio de transferências de setores da UFS, doações e resultados de escavações arqueológicas, ou seja, objetos diversificados que caracterizam a história e a cultura sergipana. Para a autora o museu:

[...] é o resultado das iniciativas de professores de Antropologia da Universidade Federal de Sergipe, cujo objetivo era a preservação e divulgação dos variados aspectos da história e da cultura a partir de fragmentos do processo histórico cujos elementos sustentavam as particularidades da sociedade sergipana. Ao longo do processo a instituição museológica teve sua denominação modificada e seus aspectos físicos mudados de endereço, fatos que não impediram, mesmo diante das dificuldades, que continuasse sua trajetória e seu papel de espaço para a extroversão da pesquisa acadêmica fazendo a ponte entre o saber produzido e a comunidade, fosse como Museu de Antropologia, Sala de Cultura Popular ou Museu do Homem Sergipano. (Nunes, p. 68-69, 2010)

Diversos projetos expográficos foram elaborados por conta de sua numerosa tipologia de acervo durante as décadas de 1970 e 1980, prevalecendo exposições com temáticas como: “Índios³, negros, rituais folclóricos, paleontologia e arqueologia, visando à transmissão dos saberes acadêmicos, transformando-os em

² A COVID-19 é uma doença causada pelo vírus SARS-CoV-2, descoberto na China, em dezembro de 2019. Rapidamente se estabeleceu como uma pandemia, ocasionando em quadros severos de Síndrome Respiratória Aguda Grave pelo mundo.

³ Atualmente não se utiliza a terminologia índio, mas sim indígena para os povos originários do Brasil.

conhecimentos acessíveis ao público” (Nunes, 2010, p. 69). Com temáticas sendo trabalhadas de forma ampla e atrativa para o público, foram integrando-se projetos de ações educativas e várias visitas escolares eram recebidas nas exposições temporárias realizadas no Museu de Antropologia (MUSA) - primeira denominação do museu.

O Museu de Antropologia passou a ter um local para suas exposições permanentes a partir do ano de 1983, no Centro de Cultura e Arte (CULTART). A instituição foi cognominada como Sala de Cultura Popular e ofereceu uma ementa de instalação expográfica no local até o ano de 1988, apresentando principalmente o artesanato sergipano. Neste último ano citado o MUSA passou por uma pausa em seus trabalhos e funcionamento, retornando às suas atividades somente em 1991, mas agora com a presença do Departamento de Biologia em sua composição curatorial.

Assim, o MUSA, voltou a funcionar, mas como Núcleo Museológico, e teve como espaço físico duas salas do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde e, com uma nova mudança, passou a funcionar no segundo andar no Hotel Pálace de Aracaju, espaço que estava desativado do funcionamento como hotel e possuía salas comerciais. (Nunes, p. 75, 2010)

Logo após o retorno das atividades da instituição, o Núcleo da Museologia deu inícios aos trabalhos relacionados a projetos expográficos arqueológicos, tendo uma ligação direta com o MUSA. Sendo assim o “Núcleo Museológico, enfim, deu continuidade ao projeto educativo, e abrigou exposições temporárias dos Departamentos de Biologia, História e Ciências Sociais” (Nunes, 2010, p.76). Durante o ano de 1996 houve mais uma mudança de endereço do MUSA, saindo do Hotel Palace para o prédio da UFS - Aracaju, na edificação da Faculdade de Ciências Econômicas (Nunes, 2010). O espaço do MUSA foi repartido com mais algumas entidades: o Núcleo de Audiovisual (NAV), do Diretório Central dos Estudantes (DCE) e de forma conseguinte com o Dialogay⁴.

O MUSA adentrou nesta nova fase com uma nova identidade na década de 1990, mas precisamente entre os anos de 1994 e 1995, e o que antes era denominado como sua nomenclatura Museu Antropológico, agora idealiza-se, com a aprovação pela Resolução nº 07/2000/CONSU, como Museu do Homem Sergipano

⁴ O grupo Dialogay surge em março de 1981, sendo um dos primeiros grupos do Brasil e do Nordeste a se constituírem, também sendo um dos mais longevos grupos de homossexuais existindo por mais de 20 anos.

(MUHSE). Desenvolvido em torno de diversos projetos, subprojetos e ações acadêmicas da UFS, apesar da mudança do nome do museu, seu projeto expográfico temporário é mantido juntamente com os projetos trabalhados na época. Entretanto uma nova ideia surge para a requalificação da exposição, a partir do desenvolvimento de um projeto expográfico permanente baseado na obra *Textos para História de Sergipe*⁵, em uma colaboração dos docentes de dois departamentos: Ciências Sociais e História.

A exposição aborda a temática sobre o homem de Sergipe e está estruturada nos seguintes módulos: A ocupação primitiva do território; A conquista do território e da população; A organização do trabalho: a importância da mão de obra sergipana; Evidências de um processo histórico dependente: a cultura do açúcar; Estruturas de poder que moldaram a sociedade; A República brasileira e Sergipe; Evidências de um Sergipe em desenvolvimento; As formas de representação da cultura sergipana. (Nunes, p. 76-77, 2010).

Apesar das diversas mudanças de prédios para funcionamento, durante as últimas décadas, seu último local de funcionamento para recepção e visita ao público foi no prédio de propensão neoclássica e caráter eclético construído no início do século XX por Hugo Bozzi⁶, edificado no térreo com alguns pavimentos em sua parte superior como podemos ver na figura 01. A edificação fica localizada na rua Estância, número 228, na cidade de Aracaju, no centro da capital sergipana.

Figura 01 - Fachada do prédio onde funcionava o MUHSE

⁵ Os textos são da autoria de Beatriz Góis Dantas, Diana Maria de F. L. Diniz, Lenalda Andrade Santos, Maria de Andrade Gonçalves, Maria da Glória Santana de Almeida e Terezinha Alves de Oliva. Nunes (2010, p.84)

⁶ Segundo Nunes (2010, p. 82) o Hugo Bozzi foi um dos artistas italianos responsável pela comutação da paisagem arquitetônica da cidade de Aracaju a partir do ano de 1919.



Fonte: Acervo pessoal de Ingrid Maria de Aquino Cardoso.

Devido a problemas estruturais no edifício, no ano de 2011, a instituição museológica precisou ser fechada e interditada para visitação pública e desde então suas peças passaram por desmembramento de coleções e consequentemente foram realocadas para sua melhor segurança e conservação preventiva em diversos espaços institucionais da UFS e/ou conveniadas. Algumas fotografias e documentações continuam no prédio mesmo em estado precário, e para manter a salvaguarda das documentações foi desenvolvido o projeto para criação de um banco de dados para as mesmas. Com a ação de escanear e armazenar este acervo, algumas caixas foram retiradas do prédio abandonado, levadas para o CampusLar, digitalizadas e depois devolvidas para o prédio institucional de onde foram retiradas.

O acervo de médio e grande porte foi transferido do museu para o CULTART devido ao risco para o acervo de arruinamento da edificação. Somente no ano de 2018 uma vultosa quantidade de objetos bidimensionais e tridimensionais foram recebidos pelo Departamento de Museologia e alocados no LabExpo. Esta transferência ocorreu devido a um acordo firmado entre a coordenadora do Departamento de Museologia Priscila Maria de Jesus e a responsável pelo acervo no seu antigo alojamento.

As peças chegaram em caixotes e caixas de papelão acompanhadas com alguns suportes de armazenamento como três mapotecas e duas vitrines expositoras. Em meio a chegada dos mesmos poderíamos localizar facilmente uma

enorme quantidade de cerâmicas em diversos tamanhos, obras de arte, objetos utilizados por grupos folclóricos como tambores e adereços e/ou indígenas como é o exemplo de um arco e flecha e cocar, vestuários e entre outras coisas que remetem logo, à primeira vista, a cultura do povo sergipano representados nos objetos de todas tipologias do MUHSE.

Apesar de não ter nascido com essa denominação, o Museu do Homem Sergipano assume a custódia de objetos como mobiliários, indumentárias, artes visuais, numismática, documentos e utensílios diversos que chegaram ao museu a partir de doações, trocas e empréstimos. O MUHSE tinha uma expografia que correspondia à vida do homem sergipano a partir do campo político, econômico, social e cultural. Uma de suas metas era extroverter as pesquisas e projetos de extensão desenvolvidos pela comunidade acadêmica e torná-las mais palatáveis e acessíveis aos visitantes do museu. Essa prática dava à instituição uma legitimação como órgão capaz de levar a ciência extramuros e aproximá-la da comunidade externa. (Jesus; Almeida; Carmo, p. 121, 2020).

Juntamente com as coleções do MUHSE, foi entregue em formato PDF, uma única documentação que tratava do arrolamento digital feito antes da interdição da instituição, as peças estavam naquele presente momento sem fichas, descrições ou alguma documentação do tipo. No PDF pode-se obter pequenas informações somente como nome do objeto, sua coleção, uma pequena fotografia e uma ou duas numerações de registro. Sabe-se que a documentação é um fator de extrema importância não só para o objeto, mas como também para instituição e toda história e memória envolvida, assim

As construções historiográficas muitas vezes necessitam de informação primária, ou seja, precisam ser retiradas em suas fontes originais: os documentos de arquivo. Mas, o que seria de uma sociedade, hoje, sem seus documentos? Os documentos são a essência de uma organização, a memória de uma sociedade. (Merlo; Konrad, p.27).

A documentação é a certidão de nascimento e CPF de um objeto, abordando em sua ficha de identificação itens para uma ficha catalográfica, informações da procedência de aquisição, ano de produção, estado de conservação, sua coleção pertencente e entre outros itens. Cada instituição definirá como será confeccionada a sua ficha, sendo importante englobar todo tipo de variação das suas tipologias museológicas presentes em cada instituição.

O acervo do MUHSE é de uma excepcional amplitude quando se trata de suas tipologias sendo ele composto por mobiliários, indumentárias, obras de artes,

peças em metal, vidro, porcelana, numismática⁷, instrumentais, religiosas, culturais, entre outras, mas sua maior parte é estruturado por artigos em cerâmica que se tornam abrangentes em diversos tamanhos, formatos e estilos inimagináveis compostos na cultura popular brasileira e principalmente sergipana.

Neste sentido o propósito desta pesquisa é trazer ênfase a Cultura Popular juntamente ligada a visibilidade para o acervo do MUHSE que é tão rico em história cultural sergipana, ambos, acervo de cultura popular e museu, nos dias atuais, encontram-se bastante esquecidos pelos órgãos governamentais do estado e população local. Desde o fechamento do MUHSE para reforma do seu prédio no ano de 2011, seu rico acervo foi praticamente esquecido, sendo deslocado para vários locais antes de chegar para acondicionamento no LabExpo e ter sua devida recontagem, juntamente com a criação das fichas catalográficas elaboradas contendo as informações bibliográficas necessárias para identificar e melhor localizar o acervo do museu, higienização e arrolamento do mesmo. Hoje o prédio onde funcionava o museu encontra-se abandonado e ainda repleto de documentos e fotografias de extrema importância, não somente para o acervo do MUHSE que ainda é existente, mas como também para a convergência direta com o referencial histórico cultural sergipano.

Assim, busca-se a valorização da cultura popular sergipana por meio da discussão da importância do acervo do MUHSE sobre a temática. A pesquisa norteou-se em análise de cunho qualitativo e exploratório, utilizando-se como fontes o levantamento bibliográfico e documental relacionado ao tema da cultura popular e ao acervo. Salienta-se ainda a investigação realizada diretamente no acervo, a partir da análise de suas tipologias e estado de conservação.

A Cultura Popular Sergipana

Ao longo dos séculos o termo cultura popular recebeu diferentes significações de acordo com o contexto histórico-social ao qual foi empregado. Neste subitem da pesquisa apresentamos o conceito de cultura popular e como ele

⁷ A Numismática é o estudo científico de moedas, medalhas e cédulas; ela se desenvolveu no Brasil, de acordo com a Sociedade Numismática Brasileira (SNB), a partir do século XIX, com a contribuição de Dom Pedro II, grande entusiasta das artes.

substitui o termo folclore para remeter a práticas culturais e objetos vinculados, de uma maneira geral, ao povo ou camadas populares.

De acordo com Renato Ortiz (1992) os estudos das tradições populares na Europa iniciam no século XVIII devido a busca por elementos que remetessem a identidade nacional vinculados ao povo. Para Cleison Rabelo e Geisa Interaminense (2016, p.35) o folclore está relacionado ao “saber do povo” definindo-se como área do conhecimento em meados do século XIX devido a “redescoberta romântica do popular” quando na Europa “as tradições populares representam o espírito do povo de cada país”. Ainda para os autores no período os europeus entendiam que o folclore era “a alma da nação” sendo utilizado na “construção nacional”, ou seja, “na definição e manutenção de fronteiras, através de seus intelectuais” os quais “passaram a valorizar a simplicidade e os encantos naturais que caracterizam os velhos poemas populares e que estavam ausentes da arte erudita do período” (Rabelo; Interaminense, 2016, p.36). Renato Ortiz (1992, p.6) relacionou também aos românticos os primeiros estudos folclóricos sendo os “responsáveis pela fabricação de um popular ingênuo, anônimo, espelho da alma nacional; os folcloristas são seus continuadores, buscando no Positivismo emergente um modelo para interpretá-lo”.

Para Petrônio Domingues (2011, p.403-404), em uma visão mais tradicional, no âmbito da historiografia, o termo cultura popular “consiste em todos os valores materiais e simbólicos (música, dança, festas, literatura, arte, moda, culinária, religião, lendas, superstições etc) produzidos pelos estratos inferiores, pelas camadas iletradas e mais baixas da sociedade” em contraposição ao conceito de cultura erudita entendida como “produzida pelos extratos superiores ou pelas camadas letradas, cultas e dotadas de saber ilustrado”. No entanto, para Domingues, “esta divisão rigorosa não se confirma empiricamente, pelo menos é o que as pesquisas no terreno da história cultural, antropologia, sociologia e teoria literária vêm demonstrando ultimamente” (Domingues, 2011, p.403-404). Ainda para o autor, alguns historiadores franceses salientam que o termo cultura popular foi uma criação das elites que ao mesmo tempo que exaltavam a beleza e inocência da mesma buscavam meios para acabar com a sua existência.

Um dos historiadores franceses que se debruçou sobre a ideia de cultura popular foi Roger Chartier que, em artigo dedicado ao assunto, demarcou dois modelos principais como representativos da ideia de cultura popular na Europa:

O primeiro, no intuito de abolir toda forma de etnocentrismo cultural, concebe a cultura popular como um sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irredutível à da cultura letrada. O segundo, preocupado em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas dependências e carências em relação à cultura dos dominantes. Temos, então, de um lado, uma cultura popular que constitui um mundo à parte, encerrado em si mesmo, independente, e, de outro, uma cultura popular inteiramente definida pela sua distância da legitimidade cultural da qual ela é privada (Chartier, 1995, p.179).

A análise de Chartier pode ser utilizada para pensar as culturas populares no Brasil no início do século XX, quando, em um discurso de comparação à cultura letrada/erudita, criou-se formas de classificação das manifestações culturais/objetos museológicos vinculados às camadas populares. Tais manifestações eram pensadas como um mundo à parte, apartado da sociedade brasileira que se modernizava sendo necessário o recolhimento de objetos - a partir da musealização - em uma pseudo valorização. Esse despertar para os estudos da cultura popular no Brasil, de acordo com Vilhena (1997), ocorreu ainda no final do século XIX, intensificando-se com a atuação dos folcloristas principalmente na primeira metade do século XX quando organizou-se um movimento de estudos do tema. Ainda para Vilhena (1997, p.42) a atuação enérgica de alguns intelectuais do período foi fundamental para pensar as culturas populares - compreendida na época como folclore - como “um item significativo da agenda de política cultural do país nas esferas federal, estadual e mesmo municipal”.

Para Rita Silva (2012) os pioneiros do campo de estudo do folclore começaram a atuar no Brasil entre 1920 e 1930, ampliando os estudos a partir da década de 1950. No âmbito desta pesquisa é importante salientar que as culturas populares já estavam presente no anteprojeto solicitado à Mário de Andrade para a criação do Serviço de Proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Mário de Andrade, a partir de um conceito amplo de arte, coloca a arte erudita e popular no mesmo patamar ao criar livros de tombo específico para as mesmas⁸. Vale ressaltar que o escritor possuía uma longa relação com o folclore brasileiro desde as viagens etnográficas realizadas entre 1927 e 1929 em busca das referências culturais do Brasil (Chagas, 2015). Estas viagens de descoberta

⁸ Para Mário de Andrade, as obras de arte patrimonial seguiam oito categorias: 1) Arte arqueológica; 2) Arte Ameríndia; 3) Arte popular; 4) Arte histórica; 5) Arte erudita nacional; 6) Arte erudita estrangeira; 7) Artes aplicadas nacionais; 8) Artes aplicadas estrangeiras.

realizadas por Mário de Andrade estão dentro de um movimento de valorização do folclore com a publicação de livros e artigos sobre as raízes do Brasil. Tal movimento ganha força, no final da década de 1940, no processo de redemocratização do país pós-Vargas “com o objetivo de distingui-lo da corrente política da cultura popular, para enaltecimento da ideologia nacionalista” (Rabelo; Interaminense, 2016, p.36). De acordo com Rabelo e Interaminense o movimento folclórico:

[...] no meio acadêmico, consegue uma crescente visibilidade, institucionalizando-se em comissões, museus e bibliotecas. Proclama três grandes frentes de trabalho: a pesquisa vinculada à preservação, a proteção contra a regressão das tradições e o aproveitamento do folclore na educação para manter a tradição “viva”. Prega-se a empiria, o mapeamento dos fatos folclóricos, o calendário de feiras e festas. (Rabelo; Interaminense, 2016, p.36).

Uma cronologia dos principais eventos que culminaram na consolidação nos estudos do folclore foi desenvolvido por Rita Silva (2012). Para a autora a criação da Sociedade de Etnografia e Folclore no Departamento de Cultura do Município de São Paulo, em 1936, sob a direção de Mário de Andrade, e, a fundação da Sociedade Brasileira de Folclore, em Natal, em 1941, por Câmara Cascudo são importantes marcos da área. Outra data relacionado aos estudos do folclore no Brasil que possui destaque foi a realização, em 1951, do I Congresso Brasileiro de Folclore, que resultou na Carta de Folclore Brasileiro, que deixou claro, pela primeira vez, o que deveria ser considerado folclore:

1. O I Congresso Brasileiro de Folclore reconhece o estudo do Folclore como integrante das ciências antropológicas e culturais, condena o preconceito de só considerar folclórico o fato espiritual e aconselha o estudo da vida popular em toda sua plenitude, quer no aspecto material, quer no aspecto espiritual.
2. Constituem o fato folclórico as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição popular e pela imitação, e que não sejam diretamente influenciadas pelos círculos eruditos e instituições que se dedicam ou à renovação e conservação do patrimônio científico e artístico humano ou à fixação de uma orientação religiosa e filosófica.
3. São também reconhecidas como idôneas as observações levadas a efeitos sobre a realidade folclórica, sem o fundamento tradicional, bastando que sejam respeitadas as características de fato de aceitação coletiva, anônimo ou não, e essencialmente popular.
4. Em face da natureza cultural das pesquisas folclóricas, exigindo que os fatos culturais sejam analisados mediante métodos próprios, aconselha-se, de preferência, o emprego dos métodos históricos e culturais no exame e análise do Folclore” (Carta, 1951).

Outros marcos importantes relacionados ao movimento folclórico brasileiro são descritos por Silva (2012). Os mais importantes foram: 1958, o Decreto-Lei 43.178, que institui a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro no âmbito do MEC; 1968, criação do Museu do Folclore; 1975, criação do Centro Nacional de Referências Culturais (CNRC), órgão não vinculado ao IPHAN e sob a direção de Aloísio Magalhães; 1975, Lei 6.312 cria a Fundação Nacional de Artes (Funarte) que transfere a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (CDFB) para a Funarte como Instituto Nacional de Folclore (INF).

É importante ressaltar, no âmbito desta pesquisa, que a mudança de terminologia de folclore para cultura popular aconteceu na segunda metade do século XX. A terminologia cultura popular, segundo Rocha (2009, p.221), foi bastante divulgada em torno da intelectualidade brasileira entre as décadas de 1960 e 1980 com “ampla divulgação” e “sentido acentuadamente político e ideológico”. Ainda para Rocha (2009) no projeto desenvolvimentista do Brasil, no período, o termo folclore passou a ser sinônimo de atraso cultural por ser associado à tradição. Entretanto, de acordo com Silva (2012), a mudança de terminologia só ocorreu em 1997, quando, oficialmente, a Coordenação de Folclore foi renomeada como Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP).

O alargamento da noção de patrimônio ocorrida nos anos de 1980 passa também a contemplar as culturas populares. Em 1989, em Paris, foi produzido um documento intitulado Recomendação sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular que entendeu a mesma como patrimônio universal:

o conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundadas na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem à expectativas da comunidade enquanto expressão da sua identidade cultural e social; as normas e os valores se transmitem oralmente, por imitação ou por outras maneiras. Suas formas compreendem, entre outras, as línguas, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os rituais, os costumes, o artesanato, a arquitetura e outras artes (UNESCO, 1989).

Pode-se afirmar que as culturas populares no Brasil tiveram uma ampla valorização a partir do Decreto-Lei 3.551 de 2000 de proteção do patrimônio imaterial brasileiro. Os bens passaram a ser registrados em quatro livros de registros: Livro de Registro dos Saberes, Livro de Registro das Celebrações, Livro de Registro das Formas de Expressão e Livro de Registro dos Lugares. Tal forma de

valorização do patrimônio tem sido um dos espaços de valorização das culturas populares.

A valorização da cultura popular é um processo que envolve considerar, preservar e promover as tradições, expressões artísticas, costumes e conhecimentos transmitidos por gerações dentro de uma comunidade ou sociedade. A cultura popular é uma parte importante da identidade cultural de um grupo e desempenha um papel fundamental na diversidade cultural e na coesão social tanto quando se envolve a educação e conscientização quando se trata da sua preservação.

Apesar de tais valorizações, no Brasil, o campo de disputas da cultura popular envolve, principalmente, a busca por valorização da cultura afro-brasileira, indígena, ribeirinha e periférica em uma luta contínua por maior representação nos museus e instâncias do patrimônio. Há diversas pesquisas que analisam de forma crítica o trabalho dos folcloristas devido, muitas vezes, à classificação da cultura popular como pitoresca. No entanto Ortiz adverte que:

Qualquer estudioso que tenha lido os livros dos folcloristas, partilha do mal-estar que se esconde por trás da disparidade dos dados compilados; eles dizem pouco sobre a realidade das classes subalternas, muito sobre a ideologia dos que os coletaram. No entanto, é inevitável voltar-nos para eles, pois foram os primeiros a sistematizar uma reflexão sobre a tradição popular. Daí a relevância em entender como os inventores do folclore procuraram organizar e difundir seu material. Isso nos permite compreender como a ideia de cultura popular se configura como categoria de análise” (Ortiz, 1992, p. 6-7)

Para Stuart Hall (2003, p.254), ao analisar o campo das culturas populares na atualidade “[...] há uma luta contínua e necessariamente irregular e desigual, por parte da cultura dominante, no sentido de desorganizar e reorganizar constantemente a cultura popular”, alternando entre “pontos de resistência e também momentos de superação” em uma luta contínua que “transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtém vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas e perdidas” (Hall, 2003, p.254). De forma semelhante para Domingues (2011, p.417) a cultura popular têm sido pensada como “um espaço de disputa, no qual se reproduzem simbolicamente as relações de forças sociais e de poder

vigentes na sociedade – a cultura popular é percebida sempre do ponto de vista de suas relações de forças sociais” (Domingues, 2011, p.417).

Ao traçar este percurso do surgimento de estudos relacionados às culturas populares enfatizamos que ela comparece no conjunto de nossos hábitos do cotidiano, sejam eles: músicas, tradições, costumes, conhecimentos, práticas e arte. Ela está presente desde as crenças até nos utilitários domésticos, como por exemplo, uma escultura ou vaso decorativo que pode ter sido esculpido e pintado por um artesão (a) sergipano(a) do Carrapicho⁹ ou até mesmo um artesão (a) desconhecido (a); ou ainda na vestimenta do sertanejo utilizados no ofício de vaqueiro ou nos utensílios domésticos utilizados em sua residência.

A Cultura Popular sergipana é bastante rica e diversificada, refletindo aspectos da história local, tradições e influências regionais, possuindo uma influência mística dos povos indígenas Xokós que aqui habitam, dos povos africanos que trabalharam nas lavouras de cana de açúcar, portos e trapiches das cidades sergipanas, e dos europeus. Por meio de uma ancestralidade miscigenada formou-se uma cultura popular rica em diversidade nas músicas, culinária, dança, festividades, artesanato em madeiras, rendas, tecidos e cerâmicas.

As tradições enraizadas no modo de vida do povo local está em constante mudança devido aos constantes movimentos da sociedade que incorpora novos elementos às expressões culturais contribuindo para uma cultura única e autêntica que é transmitida através de geração para geração, mas sem perder a sua essência. Desse modo, analisar o acervo relacionado às culturas populares no estado de Sergipe musealizado pelo MUHSE permite compreender como tais objetos podem revelar aspectos singulares da cultura local.

O acervo de cultura popular no Museu do Homem Sergipano

A cultura popular é uma parte fundamental da identidade de um grupo ou comunidade e muitas vezes reflete a história, os valores e as experiências desse

⁹ Carrapicho foi o povoado que originou Santana do São Francisco, cidade sergipana à beira do Rio São Francisco, onde grande parte da população vive da cerâmica. Localizada à margem direita do Velho Chico, a 125 km da capital Aracaju, Santana do São Francisco, é o polo sergipano do artesanato de cerâmica.

Imagens, peças figurativas, utensílios domésticos e vasos decorativos oriundos do barro são vistos por toda cidade. Nas portas das casas, nas calçadas, nos comércios e em locais coletivos de comercialização. A matéria-prima recolhida das lagoas é misturada à areia do ‘Velho Chico’.

determinado grupo. Ela pode englobar uma ampla variedade de elementos incluindo as artes e o entretenimento baseando-se nas danças, música popular e etc, pode-se obtê-la por via das tradições e rituais trazendo as celebrações religiosas e superstições, por via do artesanato na produção manual de objetos em variados materiais, na linguagem, no dialeto, em vestuários, culinária e em muitas outras coisas podendo variar amplamente em cada região ou até mesmo dentro da mesma localidade.

Um papel importante é dado às culturas populares para construção da identidade cultural de um povo, fortalecendo seu senso de pertencimento àquele local. Neste sentido, o MUHSE apresentava um pouco da cultura popular do povo sergipano, miscigenado, representado pela população ribeirinha, sertaneja, urbana, rural, quilombola e indígena - representatividade observada na coleção de culturas populares do museu. Mas será que o povo sergipano se sente representado no museu?

De uma forma pessoal de averiguação, dentre todos os tipos e estilos de peças que integram as coleções do MUHSE podemos apontar a representatividade indígena como superficial por concentrar-se em objetos representativos dos índios Xocós. Com tais peças dos Xocós podem ser feitas exposições para disseminação de cultura, memória e representatividade deste povo - tivemos como exemplo o projeto expográfico realizado durante os meses de maio de 2019 no hall do CampuLar e julho de 2019 no oceanário de Aracaju com o título “Cultura e Tradição às margens do rio no Sertão” apresentando parte da coleção Xocó, como colares, utensílios em cerâmica tais como cuscuzeiro e panelas, cocar, rede de pesca e entre outros como podemos ver no cartaz da figura 02. Sabemos que os indígenas não estão presentes somente em questões culturais, tendo ciência que os mesmo possuem muito mais detalhes e representatividades envolvidas que não estão nesta coleção que compõe o MUHSE, os indígenas estão representados acima de tudo de forma ativa e constante na sociedade, não somente na parte cultural mas atuando também na política, economia, educação e mídia.

Figura 02 - Cartaz da Exposição sobre a coleção Xokó



Fonte: Instagram: museologiaufs. Publicado em 17 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BxlOQrWHkrz/?igshid=MWZjMTM2ODFkZg==>

E adentrando um pouco mais nas coleções no MUHSE, onde o sertanejo pode deparar-se com sua representação? No que tange os elementos de sua apresentação, pode-se embrenhar diretamente na inclusão e reconhecimento de suas questões culturais, interesses e desafios, dentre eles a fauna e flora da região, o clima semi-árido, suas pastagens e a caatinga. Em meio aos materiais em ferro fundido, chapéu e colete feitos de couro, botas, sela e arreios que compõem o museu observa-se aspectos do povo do sertão sergipano, mas da mesma forma ainda sim pode-se se tornar insuficiente estas representações sem tratar da pecuária, pesca, cultivo dos ribeirinhos do baixo São Francisco - que são lembrados apenas pela rede de pesca e pelos cestos que compõem o acervo do museu.

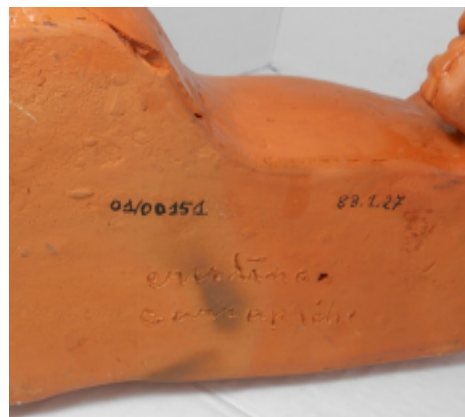
Os ribeirinhos também podem se tornar uma excelente referência quando tratamos da famosa cerâmica Carrapicho, esculpida nas olarias e residências sendo bastante comercializada enquanto traz uma fonte de renda para grande parte dos moradores da cidade de Santana do São Francisco, município este que fica cerca de 120 km da capital sergipana. Uma enorme variedade de cerâmicas são produzidas por artesãos/artistas locais e uma boa parte destas obras são comercializadas na capital sergipana e região, em lojinhas dos mercados municipais e no centro de Aracaju. A cerâmica Carrapicho é caracterizada pela produção de objetos decorativos de pequeno porte, conjuntos para mesa e peças decorativas de grande porte. A maioria dos artistas da cerâmica não assinam suas obras e assim torna-se um trabalho difícil identificá-las, mas como podemos ver nas seguintes

figuras 03 que mostra uma obra e a figura 04 que apresenta a assinatura em uma peça da artista Cristina Carrapicho.

Figura 03 - Representação de um cachorro



Figura 04 - Assinatura da artesã



Fonte: Acervo pessoal de Ingryd Maria de Aquino Cardoso.

Já a população negra foi representada por meio de esculturas em cerâmica, com representações de perfis, alguns colares e contas religiosas, mas de certa forma, sua maior forma de representação no museu ocorre por meio da valorização dos grupos folclóricos laranjeirenses - caracterizados pelas danças e vestimentas diversas mas que possuem como ponto em comum a participação majoritariamente afrodescendente entre os brincantes.

Adentrando um pouco mais nas reservas técnicas do MUHSE podemos perceber inúmeras possibilidades de projetos expográficos que podem ser montados com alguns materiais de cultura popular:

- Instrumentos musicais, indumentárias e adereços de grupos folclóricos laranjeirenses como São Gonçalo, Taieiras, Lambe-Sujo, Chegança, Samba de Pareia, Reisado e Cacumbi como podemos observar brevemente na fotografia 05.
- Cerâmicas, adereços, instrumentos musicais e também para caça dos indígenas Xocós como: colar, cocar, maracá, pau de chuva, chocalho, machadinho de pedra, arco e flecha, panelas e cuscuzeiros em cerâmica.
- Artesanato em palha expondo cestas, cestos e bolsas trançadas.
- Instrumentos de trabalho e do cotidiano no século XIX como: ferro de passar a carvão, panela e chaleira de ferro fundido, leiteiras, candeeiro, castiçal, balança com pesos.
- Artesanato em cerâmicas sejam elas de origem Carrapicho, Itabaianinha, etc.

- O sertanejo pode-se representar com os chapéus de couro, colete de couro, selas e arreios, estribos e entre outros materiais.

Figura 05 - Vestes de dois grupos folclóricos laranjeirenses



Fonte: Acervo pessoal de Ingrid Maria de Aquino Cardoso.

Dentre estas cerâmicas é possível serem localizadas algumas miniaturas bastante delicadas e moldadas em até no máximo 10 centímetros de altura que fazem parte da coleção institucional “Cultura Popular”, dentre as pequenas e rebuscadas peças museológicas podemos nos deparar com xícaras, pires, bules, ânforas, conjuntos de copos, jarros, potes e algumas tampinhas para compor suas coleções, observando-se ainda algumas peças com pinturas fitomorfas feitas à mão delicadamente para uma melhor estética, apresentação e valorização das mesmas. Algumas peças desta coleção foram empacotadas para melhor conservação preventiva e armazenamento nas duas primeiras gavetas da mapoteca após o processo de enrolamento e higienização, de acordo com a figura 06 à seguir:

Figura 06 - Cerâmicas de pequeno porte embaladas nas duas primeiras gavetas



Fonte: Acervo pessoal de Ingrid Maria de Aquino Cardoso.

Mas não só de objetos em miniatura é composto o acervo institucional da coleção “Cultura Popular”, nesta seção encontram-se ainda representações de objetos em tamanho padrão para o uso diário, utilitário ou de ornamentação doméstica como: cinzeiros decorativos em formatos zoomorfos, fitomorfos e antropomorfo, caburé, pratos, representação das faces de Cristo, Cristo crucificado e do menino Jesus de Praga, anjos, santas da igreja católica como Nossa Senhora das Graças e Nossa Senhora da Conceição Aparecida, representação de perfil de figura feminina negra, esculturas de escravo algemado, trabalhadores carregando sacos, cepo ou abóbora na cabeça, sanfoneiro, vaqueiro, costureira, idoso pedinte, vaqueiro, bules, ânforas com decorações fitomorfos, moringas, cálice, pratos, jarros em cerâmica em formato de animais e cestas texturizadas, panelas e utensílios de cozinha dos índios Xocós como bules, cuscuzeiro, fogareiros, cestas - como pode ser observado na figura 07 - dentre outros objetos.

Figura 07 - Cesta em cerâmica enfeitada com elementos fitomorfos e geométricos pertencente a coleção da Sala de Cultura Popular



Fonte: Acervo pessoal de Ingrid Maria de Aquino Cardoso.

Além do acervo denominado como “Cultura Popular”, pode-se localizar também peças designadas como coleção “Acervo Profª Terezinha Oliva” que foi propriamente doado pela ex-professora professora da UFS, sendo composto por objetos que abrangem a cultura popular sergipana encontrada facilmente nos dias atuais entre os mercados municipais Antônio Franco¹⁰ e Thales Ferraz¹¹ muito bem localizados e de fácil acesso no centro comercial da cidade de Aracaju. Dentre a composição da coleção da Professora Terezinha Oliva podemos nos deparar com: miniaturas de carro de boi, de boizinhos pintados, conjunto de brinquedos feitos em madeira muito utilizados e vendidos em meados dos anos 2000 como: pequenos sofás, poltronas, armários de cozinha, caminhas, cadeiras e mesinhas, penteadeira, berço, geladeira, fogão, cama, fruteira, estante, baú e também localiza-se nesta catalogação algumas bonecas de porcelana.

Outras coleções da instituição remetem às culturas populares e constam no acervo digital disponibilizado após a transferência das peças museais para o LabExpo, como a coleção denominada “Antiquário D’Época” que caracteriza-se pela disponibilidade de objetos que trazem consigo memorização de utilitários da vida no campo como: leiteiras de ferro, estribo, esporas e candeeiro. No conjunto museal “Acervo Profª Beatriz Góis Dantas”, proveniente da doação da conceituada professora para MUHSE, são assinaladas um grande número de peças

¹⁰ Não estamos falando de apenas um mercado, mas de três, todos na mesma área. O primeiro é o Antônio Franco, criado em 1926 e certamente o mais interessante. Ali você vai encontrar lojas de artesanato de tudo que é tipo.

¹¹ Do outro lado dele estará o Mercado Thales Ferraz, construído em 1948, com objetivo de auxiliar no mercado principal. Nele você achará alguns produtos típicos da mesa sergipana, como queijos, cachaças, mel, doces e tapiocas. Uma ou outra barraquinha de artesanato também pode ser encontrada por ali.

pertencentes a nossa cultura popular, nele pode-se encontrar em tamanho miniatura esculpidos em cerâmica: moringas, panelas e tampas, caqueiro, pratos, cuscuzeiro, boizinhos, ovelha, pavão, galos andorinha, pato, mabú, tatu, coelho, cavalo carregando barris, cangaceiros, bacamarteiro, caburé jarros, bule, xícara e pires e filtro tendo alguns deles decorações pintadas de forma manual com formatos fitomórficos.

O “Acervo Beatriz Gois Dantas” também apresenta materiais museais em tamanho real e usual do nosso dia a dia, podemos encontrar: xícaras e pires com decorações geométricas pintadas manualmente, boneca Karajá, farinheira, travessas, bomboniere em cerâmica pintados à mão com desenhos compostos por elementos geográficos, zoomórficos e fitomorfos, cofre, moringas, representação de imagens católicas feitas entre gesso e cerâmica como duas imagens de Nossa Senhora da Conceição, três imagens de Nossa Senhora Divina Pastora, São Gonçalo, Nossa Senhora do Loreto, Nossa Senhora de Guadalupe, representação de Maria Bonita e Lampião¹², representação do casamento na roça (figura 08); peças em madeira de índio, ex-voto, maracá, tacape, guizo, arco e flecha, carroça em miniatura, flauta de pífano, estandartes de São Benedito; bonecas de pano em miniatura representando uma família com mãe segurando sua filha no braço, boneco masculino e uma boneca menor representando uma filha mais velhas; bonecos de pano em miniatura representando os grupos folclóricos São Gonçalo¹³,

¹² Lampião e Maria Bonita viajaram pelo nordeste brasileiro praticando o banditismo e mudaram várias regras no cangaço para ficarem juntos. O casal teve um trágico fim, quando no dia 27 de julho de 1938 em Poço Redondo, no estado de Sergipe, foram emboscados pela polícia.

¹³ Tradição entre os laranjeirenses, a dança em homenagem a São Gonçalo do Amarante é muito admirada pelos visitantes daquele município. Segundo a lenda, o santo teria sido um marinheiro que tirou muitas mulheres da prostituição, através da música alegre que fazia com a viola. A dança é acompanhada por violões, pulés (instrumentos feitos de bambu), e caixa. Este último instrumento é tocado pelo “patrão” – homem vestido de marinheiro, numa alusão a São Gonçalo do Amarante.

Reisado¹⁴, Lambe-Sujo¹⁵, Cacumbi¹⁶, Chegança¹⁷, Taieira¹⁸ representação da rendeira de bilro. Além disso tem bolsa em palha, brinquedos como briga de galo e o acervo metálico temos chocalho, candeeiro e balança.

Figura 08 - Peça: Casamento na roça da coleção Beatriz Gois Dantas



Fonte: Acervo pessoal de Ingrid Maria de Aquino Cardoso.

Diante toda separação de coleções denominadas que compõem o MUHSE - baseada no arquivo de arrolamento digitalizado em PDF recebido durante a

¹⁴ De origem ibérica, se instalou em Sergipe no período colonial. É uma dança do período natalino em comemoração do nascimento do menino Jesus e em homenagem dos Reis Magos. Atualmente, o Reisado é dançado, também, em outros eventos e em qualquer época do ano. A cantoria começa com o deslocamento do grupo para um local previamente determinado, onde é cantado “O Benedito”, em louvor a Deus, para que a brincadeira seja abençoada e autorizada. O Reisado tem como característica o uso de trajes de cores fortes e chapéus ricamente enfeitados com fitas coloridas e espelhinhos;

¹⁵ O embate entre bancos e negros é relembrado anualmente, no mês de outubro, pelo folguedo dos Lambe Sujos X Caboclinhos – que representam, respectivamente, os negros fugitivos e os índios contratados pelos senhores de engenho para capturá-los.

¹⁶ Não se sabe ao certo sobre a origem do Cacumbi, acredita-se que trata-se de uma variação de outros autos e bailados como Congada, Guerreiro, Reisado e o próprio Cucumbi. O grupo geralmente se apresenta na Procissão de Bom Jesus dos Navegantes e costumeiramente no Dia de Reis, que é quando a dança é realizada em homenagem a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. O ritmo é forte, o som marcante e o apito coordena a mudança dos passos. Os instrumentos que acompanham o grupo são: cuíca, pandeiro, reco-reco, caixa e ganzá. Em Sergipe, o Cacumbi é encontrado nos municípios de Lagarto, Japaratuba, Riachuelo e Laranjeiras;

¹⁷ é uma dança que representa em toda a sua evolução a luta dos cristãos pelo batismo dos Mouros. A apresentação sempre acontece na porta de igrejas, onde uma embarcação de madeira é montada para o desenvolvimento das jornadas. O pandeiro é o principal instrumento de acompanhamento, eles utilizam também apitos e espadas;

¹⁸ Uma dança do ciclo natalino nascida e criada dentro do Terreiro de Santa Bárbara Virgem, que nas religiões africanas corresponde ao orixá Iansã ou Oyá.[...] Como os escravos eram proibidos de cultuar seus deuses e obrigados a aderir à religião católica, mas as famílias dos usineiros não aceitavam misturar-se, foram construídas igrejas específicas para eles. Em Laranjeiras, a mais conhecida é a de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.

recepção do acervo museológico - pode-se designar de maneira quantitativa - mas ainda requerendo mais estudos - os seguintes itens:

- Sala de Cultura popular - possui cento e quarenta e seis peças no arrolamento
- Acervo Prof^a Terezinha Oliva - possui trinta e uma peças no arrolamento
- Antiquário D' Época - possui nove peças no arrolamento
- Acervo Mário Policiano Novaes e Carmen Aguiar Novais - possui 3 peças no arrolamento
- Acervo Prof^a Beatriz Gois Dantas - possui cento e vinte e quatro peças no arrolamento
- Numismática - possui 9 pacotes no arrolamento (sem contagem de quantas moedas e cédulas possui cada pacote)
- Objetos com coleções não definidas - cento e noventa e quatro peças (sem a inclusão da contagem de caixas fechadas onde não se sabe a quantidade que as mesmas possuem dentro)

Diante a temática da cultura popular e as coleções do MUHSE, pode haver uma ponderação sobre coleção que compõe o acervo institucional denominada como de Sala de Cultura Popular, pois por base do pensamentos de Burke:

Atualmente, o conceito de cultura tem um sentido bastante dilatado, abrangendo praticamente tudo que pode ser apreendido em uma sociedade – desde uma variedade de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) até práticas cotidianas (comer, beber, andar, falar, ler, silenciar). (BURKE, 2005, p.42 apud Domingues, 2011, p. 402-203).

Então assim pode-se considerar que quase todo o acervo que estrutura o MUHSE se trata de peças relacionadas à cultura popular, não só se tratando de uma coleção isolada e denominada, mas sim como uma totalidade quantitativa e qualitativa de seu acervo. Diante de todo este embasamento podemos analisar e citar conjuntamente ao mesmo a relação da cultura popular com sua última nomenclatura museal modificada em meados dos anos 2000 como já distinguida e

detalhada em alguns parágrafos anteriores, passando de Museu Antropológico para Museu do Homem Sergipano. Observa-se, assim, que a mudança do nome do museu está intrinsecamente relacionado às características do acervo.

Seu nome institucional trata diretamente sobre o homem sergipano, determinando e descrevendo o acervo à cultura deste homem, desde seu trabalho representado pelo acervo em indumentária onde podemos encontrar as vestimentas do sertanejo, até os utensílios de trabalho como selas de cavalo, estribos e esporões, leiteiras em ferro, moinhos, etc, até os objetos do cotidiano como ferro à carvão, panelas, rádios antigos, candelabros e entre outros que compuseram o dia a dia de um cidadão sergipano durante meados do século XIX, XX ou até mesmo ainda nos dias atuais.

Com enfoque de modo seletivo no objetivo trabalhado neste artigo, pode-se determinar que a maior parte dos utilitários do MUHSE são pertencentes de algum modo a Cultura Popular não só sergipana, como também nacional. Infelizmente por conta de tanta modificação em seus espaços institucionais o MUHSE sofreu perdas e danos em algumas de suas peças, mesmo com aplicação da questão de conservação preventiva onde a grande maioria dos objetos chegaram enrolados em plástico bolha e alguns deles envoltos por espumas, não foi o suficiente para suportar todas as mudanças de prédio e traslado dos materiais durante os quase 50 anos de existência institucional. Algumas cerâmicas foram danificadas, outras ficaram totalmente quebradas, durante o primeiro arrolamento feito no decorrer da disciplina de Museologia e Conservação Preventiva II, no LabExpo. Salienta-se ainda que alguns dos materiais não foram localizados entre as peças e muitos deles apresentaram uma grande necessidade de restaurações. Sabe-se que o LabExpo não era o local ideal para o armazenamento daquele acervo por conta da maresia, risco de enchente e muitos outros fatores naturais e institucionais envolvidos, mas mesmo assim o melhor e possível tratamento foi aplicado às peças pela turma de discentes da Museologia.

Infelizmente há uma grande necessidade de interação governamental estadual para manter este rico acervo atualizado e receber a tão esperada reforma para seu prédio, e assim poder executar seu projeto expográfico abrolhando e realocando suas coleções para visitação e enxertar-se novamente com a comunidade sergipana.

O MUHSE, como grande parte dos museus brasileiros, carece de pessoal e equipamentos necessários para a implementação de ações consideradas básicas do processo de documentação de acervos, iniciando os procedimentos via projeto institucional que permitiu a atribuição de bolsa remunerada e/ou voluntária para realização de parte das atividades de digitalização e registro, após capacitação.(Jesus; Almeida; Carmo, 2020, p. 120).

Seria de grande valia e de um enorme propósito de conhecimento uma reinauguração, divulgação e execução de projetos expográficos como já houve envolvendo peças do MUHSE, como por exemplo uma exposição com a curadoria da professora Priscila M^a de Jesus, sobre o acervo de procedência indígena dos Xocós. A exposição foi aberta ao público no CampusLar e recebeu um ótimo número de visitantes por ter sua execução no hall de entrada da universidade e por ter recebido um grande número de estudantes do ensino fundamental e médio de Laranjeiras.

Uma outra forma de movimentação do acervo pode ser trabalhada e ter uma ótima amplitude para seu conhecimento, são as permutas em empréstimos de peças do MUHSE para outras instituições, como já houve enquanto parte do acervo estava alocado no LabExpo. Tudo isto estaria oferecendo assim uma melhor visibilidade para a população sergipana e fazendo com que a mesma tenha ciência da funcionalidade destas peças que já ocuparam e que ainda podem ficar expostos, novamente, de excelente maneira, os espaços culturais de memória .

Nos dias atuais, ano de 2023, o prédio pertencente ao MUHSE ainda não passou por restauração ou reforma, o acervo que estava alocado no LabExpo dentro do CampusLar da Universidade Federal de Sergipe foi realocado novamente para o CULTART, mas desta vez possuindo uma documentação para cada uma das peças, com suas fichas catalográficas desenvolvidas por um projeto aplicado pela professora Priscila M^a de Jesus com seus discentes, proporcionando assim uma melhor atualização e controle das peças.Dessa forma, ao se falar deste acervo é preciso salientar que:

Os objetos que integram coleções museais são selecionados por agentes e instituições responsáveis por sua preservação e divulgação e são geradores de conhecimento e informação contemporânea e futura, tendo grande responsabilidade ao difundir e cristalizar imagens sobre o “passado!”, a “história”, a “verdade”, a “nação”, o “folclore” ou outros discursos a serviço de que estejam (Silva, 2012, p. 41)

Desse modo, este artigo procurou revelar a importância deste acervo musealizado pela UFS para contar um pouco da história do povo sergipano.

Considerações finais

Este artigo aqui apresentado teve a intenção de revelar a importância cultural sergipana estampada nos materiais que compõem o acervo museológico institucional do Museu do Homem Sergipano, analisando-o e tratando detalhadamente de suas vertentes culturais em cada detalhe, e consequentemente ligando-a também para as definições teóricas sobre o que é a cultura popular e como ela constitui-se até os dias atuais. As coleções do MUHSE possuem uma imensa representatividade do povo sergipano em materiais mistos que vão do ferro até o tecido, englobando os costumes e lembranças desse rico aspecto cultural.

As vestes de grupos folclóricos e do sertanejo preenchem as gavetas das mapotecas, juntamente com seus adereços e instrumentos musicais que compõem suas coleções, o povo ribeirinho encontram-se bem representado quando trata-se das cerâmicas locais e os indígenas sergipanos xocós em um amplo acervo de utensílios para cozinha, caça e adereços, e assim conjuntamente forma-se uma tradição e idealização de um grupo e do povo sergipano que variam do norte ao centro-oeste do estado construindo uma única conexão. O propósito da escolha temática foi para aceitação destes assuntos e também tentar enaltecer e dar uma visibilidade para o MUHSE que após treze anos de interdição do seu prédio, precisa de sua estrutura para voltar ao funcionamento e disseminação das informações que compõem o seu acervo.

REFERÊNCIAS

BIBLIOTECA IBGE. Sergipe produz Cerâmica às margens do Velho Chico. **Destaque Notícias**. 3 de outubro de 2015. Acesso em: 21 de setembro de 2023.

BRASIL. Resolução nº 01/2000/CONSU, de 28 de abril de 2000. Altera a nomenclatura e aprova o Regimento do Museu do Homem Sergipano. **UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE CONSELHO UNIVERSITÁRIO**, 28 de abril de 2000. Disponível em: 072000_Regimento Museu_do_Homem.doc.pdf. Acesso em: 25 set. 2023.

BRASIL. Decreto-Lei 3,551, de 4 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, 4 de agosto de 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%203.551%2C%20DE%20que%20lhe%20confere%20o%20art. Acesso em: 21 set. 2023.

BURKE, P. O que é história cultural? Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CARDOSO, Max Wesley Santos. Por uma história do movimento homossexual em Sergipe : da comunidade católica homossexual no final dos anos de 1970 à formação do grupo Dialogay (1981-1983). 2021. 120 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.

CHAGAS, Mário. **Há uma gota de sangue em cada museu**: a ótica museológica de Mário de Andrade. Chapecó-SC: Argos, 2015.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, n.16, p. 179-192, 1995.

Câmera, Rafael S. . Mercado Municipal de Aracaju: comida e artesanato. **360 Meridianos**. 17 de junho de 2017. Acesso em: 19 de set de 2023.

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE. Carta do Folclore Brasileiro. In: **Congresso Brasileiro de Folclore**, v. 1, p-77-85, 1951.

Cultura: conheça algumas manifestações marcantes do folclore sergipano. Faculdade São Luís de França. 19 de outubro de 2022. Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br/blog/noticias/cultura-conheca-algumas-manifestacoes-marcan-tes-do-folclore-sergipano/> . Acesso em: 09/09/2023.

DOMINGUES, Petrônio. Cultura popular: as construções de um conceito na produção historiográfica. **História** (São Paulo) v.30, n.2, p. 401-419, ago/dez 2011

FRANCO, Hannah. **Lampião e Maria Bonita: conheça a história dos líderes do cangaço**. Oliberal.com. 07 de março de 2023.

GOV - Governamental. **Descobertos sítios arqueológicos na bacia do Rio São Francisco**. Alagoas. 2022. Acesso em: 25 de set de 2023.

HALL, STUART. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardiã Resende et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

JESUS, Priscila Maria.; ALMEIDA, Cristina Valença Cunha Barros; CARMO, Sura Souza. (2020): O tratamento da informação na documentação fotográfica nos acervos do Museu do Homem Sergipano, *en Documentación de Ciencias de la Información* 44 (1), 117-125.

LEITE, Sylvia. **Laranjeiras: uma cidade marcada pela resistência cultural**. Lugares de Memória. 17 de janeiro de 2019. Acesso em: 20 de set de 2023.

MERLO, Franciele; KONRAD, Gláucia, V. R. Documento, história e memória: a importância da preservação do patrimônio documental para o acesso à informação. *Informação & Informação*, v. 20, n. 1, p. 26-42, 2015

MUSEOLOGIAUFS. **Aproveitando a 17º semana de museus, com temática “Museus com núcleos culturais, o futuro das tradições”, a partir do acervo no Museu do Homem Sergipano [...]**. Laranjeiras, SE, 17 de maio de 2019. Instagram: @museologiaufs. Acesso em: 03 de out. de 2023.

SILVA, Nicole Loureiro da. A Numismática na Educação: utilização de moedas como documento histórico na sala de aula. *Revista Educação Pública*, v. 20, nº 21, 9 de junho de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/21/a-numismatica-na-educacao-utilizacao-de-moedas-como-documento-historico-na-sala-de-aula>. Acesso em: 01 de set de 2023.

NUNES, Verônica Maria M. O Museu do Homem Sergipano. **Patrimônio e Memória**. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.6, n.2, p. 67-85, dez. 2010.

ORTIZ, Renato. **Românticos e Folcloristas**: cultura popular. Rio de Janeiro: Olho D'Água, 1992.

RABELO, Cleison Luis; INTERAMINENSE, Geisa Maciel. Cultura popular: definição e surgimento como campo de estudo a pesquisa - uma discussão atual. **Revista PLUS FRJ**: Revista Multidisciplinar em Educação e Saúde, Rio de Janeiro, n. 2, p.33-40, 2016.

ROCHA, Gilmar. Cultura popular: do folclore ao patrimônio. **Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v.14, n.1. 2009. Disponível em:mediacoes,+Gerente+da+revista,+3358-11149-1-CE.pdf. Acesso em : 14 jul. 2023.

SANTOS, Flávio Campagnoli dos. Manifestações cardiovasculares relacionadas à infecção por Sars-cov-2: uma revisão atualizada. Lagarto, 2023. Monografia (Graduação em Medicina) - Departamento de Medicina, Universidade Federal de Sergipe, Lagarto, 2023.

SILVA, Rita Gama. **A cultura popular no Museu de Folclore Edison Carneiro** / Rita Gama Silva;[org. da série Maria Laura Cavalcanti]. Rio de Janeiro : Aeroplano, 2012.

UNESCO. Recomendação sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular.Paris, 1989. Disponível em:
<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20Paris%201989.pdf>

VILHENA, Luís Rodolfo. **Projeto e missão**: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964). Rio de Janeiro:Funarte: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

XOKÓ - Povos indígenas no Brasil. Blog da FUNAI Alagoas. Instituto Socioambiental. Novembro de 2013. Acesso em: 24 de set de 2023.